

## MUDANÇA PELOS ESTUDOS

CARLOS ALBERTO SILVA

Com o apoio da mãe, Mariana, e do pai, Valmir Francisco Pereira, Diego se tornou o primeiro garoto de São Pedro a se formar em Medicina



# VIDAS TRANSFORMADAS POR CAUSA DA EDUCAÇÃO

Com apoio da família, eles deram novos rumos às suas histórias

✉ VILMARA FERNANDES  
vfernandes@redgazeta.com.br

Mal deixava os cadernos em casa e já corria para a rua. Nem ele ou os amigos pensavam no futuro, mas lá em Galileia, cidadezinha do interior de Minas Gerais, as perspectivas eram mínimas. Sem dinheiro para comprar material escolar e uniforme, a mãe já alertava que a sua vida escolar se encerraria na antiga 4ª série. Seu futuro era fazer bicos e, se desse sorte, garantiria o sonho local: um emprego na fábrica de cerâmica.

Mas a vida mudou os rumos do garotinho. Órfão, veio morar em Vitória. Aqui, foi surpreendido quando anunciou que pararia de estudar, aos 10 anos. “Nem pensar. Eu não tive a oportunidade, mas você vai continuar na escola”, garantiu o irmão mais velho, o pedreiro José Mo-

reira Nunes, sem perder de vista a promessa feita no leito de morte da mãe de que cuidaria do caçula.

A história do garoto, hoje padre Gudialace Silva de Oliveira, 31 anos, se assemelha a de tantos outros que tiveram suas vidas transformadas pelo afincamento de seus familiares, que apostaram firmemente em suas vidas escolares.

Em cenários de pobreza e adversidade, lançaram mão de uma certeza: “Se estudar, sua vida vai mudar”, como fazia questão de afirmar a trabalhadora doméstica Mariana Martins Soares, para seu único filho, Diego Soares Fernandes. Hoje, segundo a família, aos 27 anos, ele é o primeiro garoto, criado na Grande São Pedro, formado em Medicina.

Essa atitude familiar, segundo Priscila Cruz, presidente-executiva do movimento Todos Pela Educa-



GUILHERME FERRARI

Padre Gudialace teria parado de estudar aos 10 anos se não fosse o apoio do irmão

ção, é muito comum nos casos bem sucedidos de jovens que conseguiram furar o bloqueio das dificuldades financeiras. “São narrativas frequentes de familiares que valorizam a educação e os professores, que aproveitaram o pouco tempo que possuem com os filhos para incentivá-los”, relata.

Para Gudialace esse apoio trouxe, acima de tudo, perspectiva. Mesmo com dificuldades, seu irmão comprou uniforme e material escolar. Na escola, estimulado pelos professores, passou a sonhar com o que não era cultura nem em sua nova comunidade, Nova Rosa da Penha, onde passou a viver com o irmão. “Lá, terminar de estudar era concluir o ensino médio”, conta o padre, se lembrando do garotinho que queria ir além, e pensava em fazer Direito.

Aos doze anos a vocação

falou mais alto, sonhava com o seminário. Mas a experiência de pobreza o alertava para ter um segundo plano, caso não fosse aceito, e no terceiro ano tratou de se preparar para o vestibular. Mas a notícia que ele tanto desejava veio: estudaria para padre. Com o passar dos anos, concluiu todas as fases: fez teologia, filosofia e agora conclui comunicação.

Para o padre, ficou uma certeza: “Não fosse a educação que recebi e a presença sempre forte do meu irmão em todas as fases, talvez minha vida fosse outra”, diz, lembrando dos amigos que ficaram pelo caminho, que o tráfico levou e matou.

Uma preocupação que Mariana sempre teve com seu filho. “Nunca escondi nada dele, mas sempre mostrei que haviam dois caminhos: o das drogas e o dos estudos”. Ela, que participou de uma fase de São Pedro que poucos viveriam, orgulha-se de seu filho não ter nascido nas palafitas: “Quando ele veio, eu já tinha conseguido comprar uma casinha.”

Seu filho Diego sempre a acompanhou ao trabalho, onde atuava como doméstica na casa de médicos. O que o influenciou na sua escolha. “Eles nos ajudaram e fui para uma escola particular”, conta o jovem. Mas não foi fácil conviver com alunos que tinham uma outra realidade de vida. “O que mais doía é quando eles faziam as viagens de turma. Eu nunca podia ir, não tinha

“

“Não fosse a educação que recebi e a presença sempre forte do meu irmão, talvez a minha vida fosse outra”

—  
GUDIALACE SILVA  
DE OLIVEIRA, PADRE

dinheiro”, diz, lembrando ainda que a mãe chorava escondida a dor do filho.

#### MUDANÇA

Hoje Diego tem certeza de que tinha grande chance de ser mais um adolescente nas estatísticas de São Pedro, não fosse a oportunidade que recebeu. “A única forma de vencer aquele ciclo de pobreza era pela educação. Muitos amigos não tiveram o mesmo apoio e ficaram pelo caminho. Eu poderia ter sido um deles”, relata.

Médico no interior do Estado, ele agora junta dinheiro para pagar o Fies e ter a oportunidade de fazer a residência. Sonha um dia poder trabalhar no bairro onde foi criado. “Quero retribuir, de alguma forma”, diz o jovem que, todo final de semana, volta para a casa materna, na comunidade da qual tanto se orgulha.

Padre Gudialace atua hoje na Paróquia Nossa Senhora das Graças, em Coqueiral de Itaparica, Vila Velha. Para ele, o melhor exemplo do quanto a educação pode ser transformadora vem da sua própria família. Depois de vê-lo criado, atuando em uma paróquia, seu irmão mais velho, aos 49 anos, resolveu realizar seu sonho pessoal: queria ser pastor.

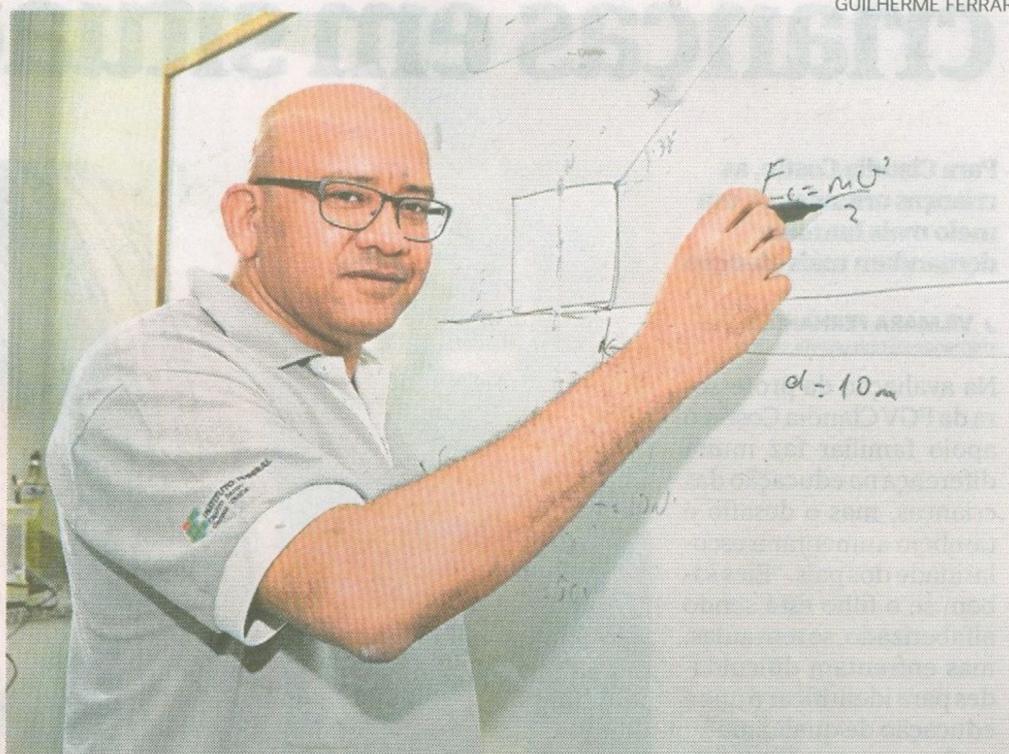
Para cumprir sua meta, José Moreira lançou mão do EJA (Educação de Jovens e Adultos) e terminou, no ano passado, o ensino fundamental e o médio. Agora estuda teologia. “A cada resultado de prova ele me ligava, comemorando. É uma vitória saber que ele não abriu mão do sonho, que não desistiu de estudar”.

#### MESTRE EM FÍSICA

### Até marmitta ele levava para a escola

Os corredores que ele percorre hoje, como professor, foram praticamente a sua casa no final da adolescência. Quando fazia o ensino médio na antiga Escola Técnica (agora Ifes), Elias Gonçalves, hoje com 47 anos, precisava sair de casa às 5h30. “E com a marmitta, porque tinha que passar o dia todo na escola e o dinheiro era curto. Passagem era só para ir e voltar”, lembra.

A família de três filhos era mantida pelo emprego informal da mãe, que vendia produtos de beleza nas casas, e pelo pai, sucateiro. O incentivo para estudar vinha da mãe, que via na educação uma forma de livrar os filhos da vida difícil. “Durante muitos anos moramos à beira do Canal Bigossi, em Vila Velha, num barraco de madeira. Só trocamos de casa quando urbanizaram a região e nos indenizaram”, relata.



GUILHERME FERRARI

O aceno de mudança para a sua vida veio com o convite de um vizinho, que era professor, e que resolveu fazer um pré-técnico. Eram aulas de matemática e português, mas representavam o reforço escolar que o jovem Elias precisava: “Foi o

ponto de partida e me ajudou muito a me preparar para a prova.” Aprovado em Eletrotécnica, tratou de se dedicar. Antes de sair, a mãe preparava a marmitta para ele passar o dia na escola, aproveitando tudo o que era oferecido: “Nem sonhava em fazer curso superior, mas os profes-

res estimulavam, a oportunidade apareceu e resolvi tentar Física, na Ufes.” Logo depois da faculdade ele fez um concurso público e, aos 22 anos, voltou para a antiga Escola Técnica, agora como professor. De lá, nunca mais saiu. “Foi desafiante. Desde então fiz pós-graduação e mestrado”, conta.

#### JUÍZA DO TRABALHO

### Ela foi até ajudante de pedreiro

Quem vê a juíza Helen Mable Carreço Almeida, 40 anos, nas audiências da Justiça do Trabalho, não imagina que na adolescência ela lavava roupa e foi até ajudante de pedreiro. “Fazia o que era possível na obra do vizinho e recebia um valor por dia. Com ele comprava vale transporte ou ajudava em casa”, relata. Vinda de família humilde – a mãe passava dias e noites costurando para sustentar os dois filhos –, ela estudou em escolas públicas. “Ela sempre apoiava, mas nem precisava me cobrar, pois sempre tive a noção de que se não estudasse, minha vida não mudaria”, conta, lembrando que chegou a ler um

MARCELO PREST



livro por dia. A jovem recebeu o apoio não só da família, mas também dos amigos, que emprestavam apostila e até material escolar. “Para fazer a prova da antiga escola técnica, estudei em casa, com uma amiga”, diz, lembrando que o mesmo aconteceu quando decidiu fazer vestibular para Direito. Em meio a tanta dificuldade, sem dinheiro até para lanche, não havia espaço para sonhar com seu futuro. “Não imaginava onde chegaria. Fui vivendo as etapas, sempre estudando muito”, relata, acrescentando que poucos amigos de sua época chegaram à faculdade. Hoje tenta ensinar aos dois filhos e a crianças que visitam a Justiça do Trabalho que é preciso se dedicar aos estudos. “É mais: é possível, e é preciso, lutar para as coisas acontecerem”.

“

A única forma de vencer aquele ciclo de pobreza era pela educação. Muitos amigos não tiveram o mesmo apoio e ficaram pelo caminho. Eu poderia ter sido um deles”

—  
DIEGO SOARES  
FERNANDES, MÉDICO